

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AMANDA RANA DE CAMARGO

**O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO  
LEITOR**

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AMANDA RANA DE CAMARGO

**O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO  
LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de **Pedagogo**, da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Orientadora: Profª Drª Marisa Del Cioppo Elias

SÃO PAULO

2014

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Educação

Curso de Pedagogia

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Marisa Del Cioppo Elias. \_\_\_\_\_

1º Examinador Prof(a). Dr(a). \_\_\_\_\_

2º Examinador Prof(a). Dr(a). \_\_\_\_\_

São Paulo, de novembro de 2014

**A todos os professores que buscam  
tornar o Brasil um país de leitor. E  
aos pequenos leitores que  
encontram prazer na leitura.**

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marisa Del Cioppo Elias,  
Guia e mestre neste trabalho, fortalecendo todos os meus caminhos e percursos durante os quatro anos de curso e principalmente nesta reta final de conclusão.

À minha família,  
Que há gerações segue nessa linda profissão.

À minha mãe, Débora Rana,  
Que é o meu maior exemplo de educadora, gestora, pesquisadora e principalmente, mãe. Foi quem me apresentou e deu forças para acreditar neste tema e na infância leitora.

Ao meu pai, Rubens Camargo,  
O mais lindo modelo que tenho de militância política na educação. Por ser aquele que possui o colo mais confortável e acolhedor à todos os momentos.

Ao meu irmão, Caio Rana,  
Por ser companheiro e incentivador à cada passo, meu, dado.

Às minhas avós, Neca e Laíde,  
Exemplos de dedicação, amor e alegria que dão forças diárias para o alcance dos meus sonhos e desejos.

Às minhas amigas e colegas de classe,  
Sem nossas risadas diárias seria impossível chegar à este momento de conclusão final.

Às minhas amigas irmãs, Ana, Carolina, Clara, Gabriela, Rachel e Sarah,  
Que são bases fortes para cada decisão e conquista de minha vida.

Às minhas amigas, parceiras e melhores aquisições neste início de carreira Ana Cely, Fernanda e Tainah,  
Sem elas o início da prática não teria sido tão prazeroso e divertido com nossas trocas e descobertas cotidianas.

Às professoras Juliana, Lina e Vanessa,  
Queridas parceiras que, como modelo, demonstraram que todo este trabalho é possível na prática.

Aos meus alunos,  
Que sempre buscaram nos livros à magia e encantamento. E vêm na leitura, um momento de prazer.

À Beatriz Gouveia,  
Como mãe de aluna, amiga e exemplo de educadora sempre acreditou e valorizou meu potencial dentro da educação.

À escola Santi e Projeto Vida,  
Por abrirem às portas ao meu trabalho e acreditarem nos meus valores e práticas.

"A convivência com a literatura possibilita que a criança conheça o uso especial da palavra que oferece a oportunidade de o mundo real tornar-se mágico(...)"

Edi Fonseca

CAMARGO, Amanda Rana. *O papel do professor na formação do leitor*. 2014. 35fls. Trabalho de conclusão de curso em Pedagogia - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, São Paulo, 2014.

## RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica cujo principal objetivo é aprofundar os conhecimentos sobre a formação do leitor proficiente. Está desenvolvido a partir da definição sobre o ato de ler e a conceitualização de quem é o leitor. Consta de um aprofundamento da prática do professor e revela as necessárias intervenções docentes para que o aluno, desde a primeira infância, possa adquirir hábito leitor e se torne um leitor proficiente. Para aprofundar tais conhecimentos teve-se como apoio as visões de Délia Lerner (2002), Kátia Bräkling (2008), Emília Ferreiro (2002), Teresa Colomer (2007), Paulo Freire (1986), entre outros. Está dividido em três capítulos. O primeiro apresenta embasamento teórico, com a definição do que se pode reconhecer como leitura, além de se discutir as razões e a importância deste ato. No segundo capítulo, aprofunda-se no sujeito que exerce o ato de ler e conceitua o leitor proficiente, comportamento leitor, procedimentos e propósitos de leitura. O terceiro e último capítulo apresenta uma discussão sobre o papel do docente e a prática quando o objetivo é construir comportamentos leitores e, conseqüentemente formar o leitor proficiente. Concluiu-se que é de extrema importância a intervenção didática do professor para que o aluno, para que este, além de ter contato com os livros, se torne um leitor proficiente e autônomo e consiga reconhecer a valor social deste ato.

**Palavras chave:** Ler, Leitor proficiente, Comportamento leitor, Situações didáticas.

CAMARGO, Amanda Rana. The role of the teacher to form readers. 2014. 35 fls. Conclusion work of pedagogy course.- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, São Paulo, 2014.

## **ABSTRAT**

This work consists of a literature search whose main objective is to deepen the knowledge about the formation of proficient reader. Is developed from the definition of the act of reading and the conceptualization of who the reader is. Consists of a search of the teachers practices and reveals the necessary interventions of them to their student acquire the habit and become a proficient reader, since the early childhood. This search has the basement in Delia Lerner (2002), Katia Bräkling (2008), Emilia Ferreiro (2002), Teresa Colomer (2007), Paulo Freire (1986), among others views. It is divided into three chapters. The first consists of a theoretical basis to define what can be recognized as read, and discuss the reasons and the importance of this act. The second chapter delves into the subject who exercise the act of reading and conceptualizes the proficient reader, reader behavior, procedures and purposes of reading. The third and final chapter presents a dialogue on the role of teaching and practice when the goal is to build readership behavior and consequently form the proficient reader. We conclude that the didatic intervention of the teacher is extremely importante, besides the contact with the book. There are many teaching situations that the teacher can do to assist students to build and solidify the reader behavior, and also make them recognize the social value of read.

**Keywords** : Read. Proficiente reader. Readership Behavior. Teaching situations. Social role of read.

## Sumário

Introdução .....	10
1 A leitura e o leitor .....	12
2 O leitor .....	16
3 O docente.....	23
Considerações finais.....	32
Referências bibliográficas .....	34

## Introdução

*"Musa, narra-me as aventuras do herói engenhoso, que após saquear a sagrada fortaleza de Tróia, errou por tantíssimos lugares vendo as cidades e conhecendo o pensamento de tantos povos e, no mar, sofreu tantas angústias no coração, tentando preservar sua vida e o repatriamento de seus companheiros, sem contudo, salvá-los, mau grado seu; eles perderam-se por seu próprio desatino; imbecis, devoraram as vacas de Hélio, filho de Hiperião, e ele os provou do dia do regresso. Começa por onde te apraz, deusa, filha de Zeus, e conta-as a nós também"<sup>1</sup>*

Narrar histórias é uma prática relacionada à essência do homem, uma vez que está presente nos relacionamentos humanos, isto é, um ato social frequente, ligado à necessidade de contar o dia a dia, e também fatos inexplicáveis, 'os homens inventaram as histórias para não sentir medo' (2012, p.21). Com a escrita essa prática não foi perdida e, sim, aprimorada, uma vez que as histórias puderam ser registradas e "guardadas" ao longo do tempo. " *A diferença da oralidade, então, é que o texto escrito conta com um número potencialmente infinito de destinatários, milhões e milhões de possíveis leitores que, situados em um tempo, no qual o autor se quer é capaz de imaginar, alguém pode olhar o texto e começar a lê-lo*" (tradução nossa)<sup>2</sup>. Quando os gregos poderiam imaginar seus cantos e mitos serem repassados à infância dos dias de hoje?

Este trabalho surgiu a partir de uma reflexão pessoal: será que basta alfabetizar as crianças para que gostem de ler? Questão que carrega em si já o propósito social deste trabalho: como, nós professores, podemos auxiliar os

---

<sup>1</sup> HOMERO. *Odisséia*. São Paulo. Cultrix. 2006. p. 9

<sup>2</sup> "A diferencia de la oralidad, entonces, el texto escrito cuenta con un número potencialmente infinito de destinatarios, millones y millones de posibles lectores que, situados en un tiempo en el que el autor del escrito no es siquiera capaz de imaginar, podrán un día mirar el texto y comenzar a leerlo" (CHILE, 2013, pag. 20)

alunos a criarem o gosto pela leitura? O que amplamente abrange uma reflexão maior sobre algumas pistas para tornarmos o Brasil um país de leitores?

O trabalho se desenvolve a partir da definição sobre o ato de ler e a conceitualização de quem é o leitor, em seguida, há o aprofundamento na prática do professor, revelando quais as intervenções docentes necessárias para que seu aluno, logo na primeira infância, possa adquirir hábitos leitores e com o passar dos anos, se torne um leitor proficiente. Para aprofundarmos estes conhecimentos, nos apoiamos nas visões de Délia Lerner (2002), Kátia Bräkling (2008), Emília Ferreiro (2002), Teresa Colomer (2007), Paulo Freire (1986), entre outros, para nos auxiliar neste estudo.

Assim, o primeiro capítulo é um embasamento teórico, com a definição do que podemos reconhecer como leitura: o que é ler? Além disso, há uma discussão sobre quais as razões e a importância deste ato.

No segundo capítulo, entramos com o foco mais aprofundado no sujeito que exerce o ato de ler, conceituando assim, o leitor proficiente, tal como seus comportamentos leitores, procedimentos de leitura e propósitos de leitura.

Para finalizar, traz-se o diálogo sobre o papel do docente e suas práticas quando temos como foco a leitura. Assim, pensamos quais situações didáticas são favoráveis para que os professores possam auxiliar seus alunos à construir e solidificarem seus comportamentos leitores.

## 1 A leitura

*"Era uma vez uma criança... que estava em companhia de um adulto... e o adulto tinha um livro... e o adulto lia. E a criança, fascinada, escutava como a língua oral se torna língua escrita. A fascinação do lugar preciso em que o conhecido se torna desconhecido. O ponto exato para assumir o desafio de conhecer e crescer"*

*Emília Ferreiro, 2002.*

Neste primeiro capítulo nos deparamos com alguns desafios. O primeiro é o de conceituar o que é leitura. Para assim conseguirmos refletir qual a sua importância. E a partir disso, questionamos o por quê se lê.

Para darmos início, ao buscar no dicionário qual o significado da palavra "ler" encontramos: "1. Percorrer com a vista o que está escrito, proferindo ou não às palavras, mas conhecendo-as(...). 3. Ver e estudar (coisa escrita). 4. Decifrar ou interpretar o sentido(...). 10. Ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, repetindo-as mentalmente ou em voz alta"(FERREIRA, sd). Assim, podemos compreender que ler é um ato de decodificação do sistema de escrita, de transformar letras em sons. Porém se nos aprisionarmos à esta definição, estaremos engessados ao que o universo de ler pode nos proporcionar.

Para então, ampliarmos nosso olhar, Leonardo Boff nos contribui dizendo que para ele, ler é:

*"Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer, como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita."(1997).*

Assim, o ato de ler, apesar de estar diretamente ligado à palavra, ultrapassa a capacidade de decodificação, podendo ser considerado então, como uma ação cognitiva de dar sentido e significado ao sistema de escrita, levando em consideração os conhecimentos prévios de quem está exercendo esta ação.

*"A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc"(1997, p.53).*

Com isso, podemos entender o ato de ler como um processo de construção de sentido, no qual um texto, após ser lido deixa de ser um mero lugar de informações a serem descobertas, para se tornar o resultado da interação entre o conhecimento de mundo do leitor, conforme nos aponta Paulo Freire (1986)<sup>3</sup>, e a informação fornecida.

É válido lembrar que esta atribuição de sentidos, está permeado pelo momento socio-histórico de quem está lendo e de quem escreveu o texto, o que determina a linguagem, os valores e conseqüentemente a compreensão.

*"'Para compreender um texto', escreveu dr. Merlin C. Wittrock na década de 1980, 'nós não apenas o lemos, no sentido estrito da palavra: nós construímos um significado para ele'. Nesse processo complexo, 'os leitores cuidam do texto. Criam imagens e transformações verbais para representar seu significado. E o que é mais impressionante: eles geram significado à medida que lêem, construindo relações entre seus conhecimento, sua memória da experiência, e as frases, parágrafos e trechos escritos'. Ler, então, não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal." (1997, p.54).*

Em paralelo à construção de significado, a leitura é uma prática social "é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal" (1997, p.57).

Uma vez definido o ato de ler e a leitura, podemos nos questionar: mas afinal, porque se lê? Autores como Bräkling(2008) e Lerner(2002) colocam que:

---

<sup>3</sup> "A leitura do mundo precede a leitura das palavras(...)"(1986, p.11)

*"Na escola- já dissemos- a leitura é antes de mais nada um objeto de ensino. Para que também se transforme num objeto de aprendizagem, é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa - entre outras coisas- que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conhece e valoriza. Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível 'representar'- ou 'reapresentar'-, na escola os diversos usos que ela tem na vida social. Em consequência, cada situação de leitura responderá a um duplo propósito. Por um lado, um propósito didático: ensinar certos conteúdos constitutivos da prática social da leitura, com o objetivo de que o aluno possa reutilizá-lo no futuro, em situações não didáticas. Por outro lado, um propósito comunicativo relevante desde a perspectiva atual do aluno" (2002 p.79).*

As autoras nos auxiliam na reflexão sobre a razão porque lemos com os chamados propósitos de leitura, dentre os quais podemos listar:

- a obtenção de informação, em que recorremos a um texto para buscar dados e novos conhecimentos;
- para seguirmos instruções;
- para aprendermos sobre um determinado assunto;
- para nos comunicarmos com o texto;
- para revisarmos um texto de nossa autoria;
- para nos deleitar e dar prazer.

Diante destes propósitos caímos em outra questão, que é distinta da anterior por uma linha tênue, pois as ambas se complementam. Sendo qual a importância da leitura? Lerner (2002), com sutileza, auxilia na resposta *"Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita..."* (Id., p.73). Lemos:

- para saber selecionar informações;
- por ser um ato cultural;
- para tornamo-nos indivíduos críticos;
- para obtermos conhecimento;
- para escrever;
- para nos relacionarmos com outras pessoas;

Ou seja, a importância do ato de ler está diretamente ligada à abertura de portas para que o sujeito possa se inserir ao mundo da cultura.

Para finalizar, com a conclusão de que ler é a construção de sentido e atribuição de significado, Ítalo Calvino nos auxilia com belas palavras de que "*Ler significa aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência*" (CALVINO apud MANGUEL, 1997, P.39).

Porém, ao conceituarmos o ato de ler é necessário lembrar que existe um sujeito que exerce esta ação, que sem ele, a leitura não seria possível, assim sendo o próximo capítulo é destinado a compreensão e definição de quem é o leitor, quem é este sujeito que dá a forma ao ato de ler.

## 2 O leitor

*"Mas escrever não é o único invento que nasceu no instante daquela primeira incisão: uma outra criação aconteceu no mesmo momento. Uma vez que o objetivo do ato de escrever era que o texto fosse resgatado - isto é, lido-, a incisão criou simultaneamente o leitor, um papel que nasceu antes mesmo de o primeiro leitor adquirir presença física. Ao mesmo tempo que o primeiro escritor concebia uma nova arte ao fazer marcas num pedaço de argila, aparecia tacitamente uma outra arte sem a qual as marcas não teriam nenhum sentido. O escritor era um fazedor de mensagens, criador de signos, mas esses signos e mensagens precisavam de um mago que o decifrasse que reconhecesse o seu significado que lhes desse voz. Escrever exigia um leitor." (MANGUEL, 2006, pg. 207).*

No capítulo anterior tínhamos como foco o estudo sobre o que é ler, considerando a leitura como um ato social. Neste capítulo o objeto de estudo é o sujeito, o leitor.

Para iniciar as discussões é necessário elencar algumas questões chaves para guiar o panorama sobre este sujeito que tanto conhecemos, o leitor. Em primeiro lugar: quem é o leitor? Será que basta ser alfabetizado para ser um leitor? Autoras como Délia Lerner (2002), Edi Fonseca (2012), Kátia Bräkling (2008) propõe o termo "leitor proficiente", quando se referem ao sujeito que lê. Porém, o que há por trás deste conceito? Quais características são necessárias para reconhecer um sujeito como leitor proficiente? E será que as crianças ainda, em sua primeira infância, com um livro na mão ou como ouvintes de histórias, podem ser consideradas leitoras? Estas questões, dentre outras, serão desenvolvidas ao longo deste capítulo intitulado "O leitor".

Para conceituar é o leitor faremos uma breve digressão histórica. Assim que surgiu a escrita quem detinha os direitos e acesso aos livros era apenas uma classe restrita da sociedade, isto é alguns membros do alto clero ou poucos membros da nobreza. Assim, o número de leitores era pequeno, sendo caracterizados como quem sabia decifrar e, principalmente, quem possuía o acesso à escrita. Um exemplo claro que podemos citar para esboçar esta realidade é o filme "O nome da rosa"(1980), de Umberto Eco, que retrata, na

Idade Média, a busca pelo acesso aos livros por membros inferiores do clero. "(...) *na Renascença aprender a ler e escrever - fora da Igreja - era privilégio mais exclusivos da aristocracia e (depois do século XIII) da alta burguesia.*" (MANGUEL, 1997. p.90). Quando Gutemberg inventou a imprensa e traduziu a bíblia, o acesso à escrita e aos livros se ampliou, conseqüentemente ampliando o número de leitores, sendo caracterizados, assim, como quem sabia decifrar o código da escrita. Esta foi uma caracterização que perpetuou por muito tempo na História.

Recentemente, no século XX autores como Délia Lerner (2002), Jean Paul Sartre, Edi Fonseca (2012) discutem a profundidade que o conceito de leitor possui:

*"Faz-se necessário diferenciar quem apenas decodifica o alfabeto de quem lê efetivamente. A fluência na compreensão de um texto traz um diferencial para o indivíduo: é a diferença entre o letramento e alfabetização. O sujeito letrado é aquele que, além de saber ler e escrever, faz uso competente da leitura e da escrita. E a habilidade em um nível satisfatório só se atinge com hábitos e com o (re)conhecimento e uso de uma grande variedade de gêneros. O processo reflexivo disparado pela leitura e seu aprendizado nos permite compreender melhor uma situação, e, assim, usufruir dos nossos direitos em sua totalidade, lutar por condições melhores e agir para modificar nossa realidade."* (FONSECA, 2012, p.16)

Sartre (Apud PEÑA, 2013) especifica o leitor como literário, complementando que, um texto não existe sem movimento. Assim, o leitor é aquele que desperta às palavras, colocando nelas seus sonhos e pesadelos, dando-lhes sentidos.

Assim, podemos começar a discutir a primeira questão colocada: quem é o leitor? Inicialmente o leitor era àquele que detinha o acesso à escrita e conseguia decodificar a mensagem. Depois passou a ser leitor quem sabia transformar estas marcas/códigos em objetos linguísticos. Chegamos na ideia de que o leitor é o sujeito que atribui sentido àquilo que lê, a partir de seu contexto pessoal (sócio, histórico, econômico, político), que consegue interpretar, refletir e desvendar o que o código simbólico da língua escrita revela. É um ato social de atribuição de sentido que surge em contra partida à ideia de que ler é um ato individual de decodificação.

Seguimos adiante nas questões: basta ser alfabetizado para ser um leitor? Já concluímos no capítulo anterior que o ato de ler é um ato social, que exige uma reflexão pessoal e coletiva do que está codificado em forma de escrita. Se exige uma reflexão, não basta o leitor estar alfabetizado, isto é, não basta que o leitor saiba decifrar códigos em uma conduta meramente técnica, mas é necessária uma reflexão, uma amplitude de pensamento crítico frente a tais códigos apresentados. Assim, podemos perguntar: afinal, o que é preciso saber para ser um leitor?

Esta questão está fundamentalmente ligada ao que Lerner (2002), Bräkling (2008) e Fonseca (2012) nos conceituam como leitor proficiente. Porém para iniciar a reflexão vejamos o que Paulo Freire, relata no livro "A importância do Ato de Ler" sobre a sua experiência leitora:

*"(...) Primeiro, a 'leitura' do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da 'palavramundo'(...) A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de 'ler' o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória-, me é absolutamente significativa" (1986. p.12)*

Com este depoimento Freire nos aponta que a leitura do mundo, antes de reconhecer a lógica do código escrito é fundamental, afinal, é ela que dá a bagagem e cria o repertório para que o leitor consiga dar sentido ao que lê. Porém entremos mais a fundo nesta questão, restringindo nossa questão não ao ato de reflexão que a leitura nos traz, pois para esta encontramos como resposta um mundo de opções. Mas, voltemos mais uma vez, à questão "o que é preciso saber para ser um leitor?".

Para caracterizar o que vem a ser um leitor proficiente, e, principalmente, refletir o que é preciso saber para ser um leitor, Lerner (2002) e Bräkling (2008) apontam-nos três conceitos-chaves: os propósitos leitores e procedimentos leitor, as capacidades de compreensão e os comportamentos leitor. Os sujeitos que na sua trajetória escolar e de vida conseguiram se apropriar destes conceitos, mesmo que inconscientemente, certamente se tornaram leitores proficientes. Assim, vamos à eles, apresentando primeiramente os propósitos e procedimentos leitores:

Reconhecer os diferentes propósitos leitores (já citados no capítulo anterior quando tratamos sobre o porquê se lê), isto é conseguir, autonomamente, elencar os objetivos pela qual irão realizar a leitura, é fundamental para que o leitor consiga estabelecer quais os procedimentos mais adequados para lidar com a leitura a ser feita, Fonseca lista os seguinte propósitos como:

- *"Ler para buscar uma informação precisa;*
- *Ler para obter uma informação de caráter geral;*
- *Ler para seguir instruções;*
- *Ler para aprender mais sobre um assunto;*
- *Ler para revisar um escrito próprio;*
- *Ler por prazer;*
- *Ler para comunicar um texto."*(FONSECA, 2012, p.33)

Reconhecendo os propósitos leitores, o leitor proficiente, consegue estabelecer quais procedimentos de leitura, isto é, de que maneira lidar com o material de leitura para que objetivos sejam alcançados. Assim, a leitura de um texto informativo ganha um olhar e uma postura diferente de quando lê um texto literário. Outro exemplo: quando procuramos um livro cuja finalidade é o estudo, acionamos recursos como buscar no índice, ler a orelha do livro, lemos o resumo, fazemos uma leitura rápida até conseguirmos encontrar o que desejamos. Ou, quando realizamos uma leitura por simples prazer, lemos com o propósito da fruição, do entretenimento.

Bräkling (2008) ainda complementa que, no âmbito geral, o leitor proficiente, além de possuir os procedimentos de leitura também necessita, no ato da leitura, estar atento às capacidades de compreensão, isto é, aos recursos necessários para que o leitor consiga reconstruir o significado do que já foi escrito. Para isso ele necessita da:

- *"Ativação dos conhecimentos prévios do leitor durante o ato da leitura;*
- *Antecipação ou predição de conteúdos ou propriedades dos textos;*
- *Checagem de hipóteses;*
- *Redução de informações semânticas (localização de informações; construções de informações a partir da comparação de trechos do texto; generalização);*
- *Produção de inferências locais;*
- *Produção de inferências globais "*( BRÄKLING, 2008)

Por último, mas não menos importante, apresentemos os comportamentos leitores (LERNER, 2002) que são essenciais para lidar com o depois da leitura literária, o que fazer com o que foi lido, são estes:

- Comentar com o outro sobre uma leitura feita;
- Recomendar o que leu;
- Socializar o critério de escolha;
- Compartilhar o que foi lido;
- Confrontar interpretações;
- Discutir as intenções do autor;
- Antecipar o que será lido;
- Rerler para verificar o que compreendeu;
- Identificar ou distanciar do autor;
- Adequar a modalidade de leitura, se é exploratória, exaustiva, pausada, rápida;
- Saltar em busca do interesse;
- Rerler por prazer;
- Relacionar a leitura com experiências de vida;

Apresentadas as características de quem é um leitor proficiente vamos à última questão: será que crianças, ainda em sua primeira infância, com um livro na mão ou, como ouvintes de histórias, podem ser consideradas como leitora?

Colomer (2007), assim como Freire, nos dá dicas à esta reflexão quando coloca que, logo aos dois anos, as crianças, ao terem contato com narrações de histórias já conseguem identificar marcações específicas da linguagem literária como fórmulas de início e fim, mudança de tom de voz, personagens convencionais em ficção, entre outros. Isto faz com que as crianças reconheçam as histórias como um modo de comunicação e também como *"uma técnica aceita socialmente para falar sobre o mundo real ou para imaginar mundos possíveis"* (p.54). À medida que crescem, mas ainda pequenas, vão tomando consciência de outras características que as histórias podem trazer: *"o que acontece e de quem estamos falando, ou seja, a aquisição do esquema narrativo e o desenvolvimento das expectativas sobre o personagem"* (Id, p.54). Emília Ferreiro nos apresenta os conceitos de intérprete e interpretantes na qual:

*"O sujeito que realiza o ato de interpretação é um intérprete. Quando esse ato é realizado por e para um "outro" (concebido como parcial ou acidentalmente incapaz de agir como intérprete), o intérprete converte-se em interpretante (...)O interpretante informa à criança, ao efetuar esse ato aparentemente banal que chamamos de "um ato de leitura", que essas marcas têm poderes especiais: basta olhá-las para produzir linguagem. O ato da leitura é um ato mágico" (FERREIRO, sd.)*

Crianças que ao longo de sua primeira infância possuem o contato com diferentes textos, seja como ouvinte ou portando um livro, já nos demonstram algumas características do leitor proficiente ainda que não saibam ler, como por exemplo a criança de três anos que escolhe o livro de Audrey Wood e Don Wood, "Rápido como um gafanhoto"<sup>4</sup> e quando estimulada a refletir sobre ele consegue: inferir que o livro tem como personagens animais; transpor característica do personagem para um colega; saltar uma parte do livro por não gostar da imagem ou por trazer medos pessoais; antecipar quais as característica dos personagens "pequeno como uma formiga", entre outros. Ou quando crianças de quatro ou cinco anos apresentadas a uma receita culinária e já possuem o contato anterior a este tipo de gênero, conseguem: reconhecer características do próprio gênero ( título, ingredientes e modo de preparo, e que antes dos ingredientes aparecem as quantidades); seguir instruções, que não podem pular a ordem; voltar ao que foi lido anteriormente para verificar se tudo está correto e, que isso trará um produto final.

Assim, buscando auxílio do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), podemos concluir que:

*"Um bom leitor é aquele que decodifica, antecipa, infere, seleciona e checa com eficácia." (MEC p. 93), isto é, "Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequadas para abordá-los de forma a atender a essa necessidade." (MEC, p. 8).*

Ao longo da História vimos que o leitor passou daquele que possuía o acesso à leitura, àquele que apenas decodificava o código escrito, para quem compreendia o que lia, entendendo o que o autor queria explicitar, para hoje reconhecermos o leitor como o sujeito que reconstrói o que já foi escrito dando

---

<sup>4</sup> WOOD, A. *Rápido como um gafanhoto*. São Paulo: Brinque-book. sd.

significado à tal, de acordo com seu repertório e conhecimento de mundo. O leitor é aquele que dá sentido ao texto com base em suas interações construídas com o autor e com a abordagem da temática e conteúdos à serem tratados. O leitor proficiente é quem consegue refletir sobre a leitura, antes, durante e depois de realizada.

Porém, percebemos ao longo do capítulo, quando refletimos o papel das crianças na primeira infância como leitoras, que é necessário o contato não só com o livro, mas que há também a necessidade do outro como apoio, para estimular o contato e para realizar a leitura para elas. Assim, o outro se torna um modelo fundamental para esta formação. Um modelo que irá auxiliar à construir e solidificar as capacidades leitoras, explicitar os propósitos leitores e também dar o primeiro sentido ao que classificamos acima como os comportamentos leitores. Por isso, no próximo capítulo discutiremos o papel da escola, tanto dos docentes como os discentes que possuem o caráter de modelo para a questão de formação do leitor proficiente. Além disso, o próximo capítulo aborda algumas estratégias didáticas que o docente pode utilizar para atingir o objetivo principal que tratamos neste trabalho: como tornar um cidadão um leitor competente/ proficiente.

### 3 O docente

Nos capítulos anteriores tivemos como foco a compreensão do que é ler e de quem é que exerce esta função. Assim conseguimos definir que ler é a atribuição de sentido e que seu significado é de ser um ato social, já o leitor proficiente, é o sujeito que possui comportamentos leitores e que é autônomo para elencar quais os melhores procedimentos adotar para atingir seus propósitos.

Para a construção da autonomia e reconhecimento de que o ato de ler é uma ação social, entendemos que a escola é a instituição fundamental para garantir que logo na infância os alunos possam se tornar leitores. Délia Lerner (2002) nos afirma que "(...) *O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos à cultura do escrito, é o de conseguir que todos seus ex-alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores*" (p.17). Assim, neste capítulo nos concentraremos na importância da escola para a formação de um leitor proficiente, do papel do professor, assim como nas propostas didáticas que contribuem para a formação do sujeito leitor.

Quando nos questionamos sobre qual o papel da escola no ensino da leitura, o senso comum nos dá a resposta de que é na escola que se aprende a ler, é naquele ambiente social, dentro da sala de aula e entre os 6 e 7 anos que se aprende a decodificar o sistema de escrita, sendo assim, nesta perspectiva, o papel da escola é de proporcionar atividades e montar estratégias para que as crianças consigam atingir este objetivo. Porém, esta não é a única visão, tão pouco a que melhor contribui para a formação do leitor. Como vimos, ler não é apenas a capacidade de decodificação, vai além, nesse sentido se faz necessário repensar o papel da escola.

Uma vez que vivemos em uma sociedade que não é leitora, na qual as crianças não tem acesso ao livro e sejam provenientes de famílias que não são leitoras, como Colomer (2007) afirma "*a falta de participação sociofamiliar,(...) frequentemente, não há adulto formando esse entrelaçamento socioafetivo em casa nem no entorno familiar*" (p.106). Cabe então, a escola entrar nesse cenário,

construindo para as crianças os mais diferentes e qualificados espaços e tempos de leitura.

*"Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes." (MEC, 1997, p. 55)*

Se a escola passa a ser uma potente instituição formadora de leitores, há de se pensar o que se ensina e como se ensina.

*"Na escola (...) a leitura é antes de mais nada um objeto de ensino. Para que também se transforme num objeto de aprendizagem, é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa - entre outras coisas - que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conhece e valoriza. Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível 'representar' -ou 'reapresentar'-, na escola, os diversos usos que ela tem na vida social" (LERNER, 2002 p. 79).*

Afinal o que se ensina quando temos a formação do leitor como foco? Isto é, quais os conteúdos que envolvem o ensino da leitura? Qual o papel do professor neste processo? Quais estratégias de ensino que o docente pode utilizar quando seu objetivo é a formação do leitor?

O papel docente quando voltado à leitura, segundo Bräkling (2008), possui três grandes propósitos de ensino e aprendizagem:

Ensinar a ler

Ensinar a ler para aprender

Ensinar a ler por prazer

Essa divisão se faz necessária porque implica em diferentes situações didáticas. Ensinar a ler pressupõe superar a decodificação de converter letras em sons, mas, criar situações nas quais os alunos possam atuar como leitores, antecipando, fazendo inferências que se relacionem à seus conhecimentos prévios, verificando suas suposições em um âmbito ligado à escrita, mas também

ao significado, à compreensão. Assim, quando a criança está no processo de aprendizagem da leitura, uma boa situação é trabalhar com pequenos textos parlendas, cantigas, quadrinhas, adivinhas e trava-línguas, uma vez que são textos que as crianças já sabem de cor e já os têm apropriados em forma de brincadeira. Assim, as crianças *"(...)adquirem autonomia para acompanhar o que está escrito, e é isso que encanta. Elas querem entender por que sempre pronunciamos o mesmo conjunto de palavras ao passar pelas mesmas letras(...)* Mas, como conhece o que está escrito porque sabe de cor, concentra toda sua atenção no tempo da leitura, no ajuste necessário entre o que diz quando canta a parlenda e o que está escrito." (AUGUSTO E RANA, 2011. p.32)

Mas como dissemos, há outros propósitos de leitura, um deles é ler para aprender, entretanto se isso não for tomado como objetivo de ensino na escola, a os procedimento de leitura não ganham as suas especificidades. No caso de ler para aprender, o professor precisa ter claro que há diferentes formas de ler, a maneira que se lê um artigo em um jornal, é diferente do modo que se lê um verbete em uma enciclopédia, por exemplo. Assim, o docente precisa reconhecer que leitura irá trabalhar com seus alunos e como fará para que o aluno utilize a leitura como meio de aprendizagem.

*"(...) não basta ensinar os alunos a dizer, em poucas palavras, o que eles entenderam sobre o texto que acabaram de ler. É importante ensinar a eles como ler, ou seja, encontrar numa revista o artigo relacionado ao assunto que se deseja estudar: consultar o sumário da obra; prestar atenção no título, no subtítulo, nos gráficos, na legenda das fotos e ilustrações. Também é preciso ensinar a criança a realizar anotações, grifar determinadas passagens ou palavras etc. Desse modo, será efetivamente desenvolvida a capacidade leitora dos alunos" (AUGUSTO, RANA, 2011, pg. 41).*

Para trabalhar com este objetivo de ensinar a ler para aprender, o docente deve: planejar perguntas, previamente, que auxiliam o aluno a buscar a informação específica dentro do texto; proporcionar que os alunos utilizem diversificadas fontes de pesquisas, e para isso é necessário ensiná-los a fazer uso de tais; selecionar os materiais de pesquisas levando em consideração o tema, à faixa-etária, ao que se quer aprender; propor atividades de pesquisas em grupos para que aja troca e diálogos sobre as descobertas entre as crianças.

Quando refletimos a leitura para o prazer, procedimento e comportamentos leitores não fogem da necessidade de serem ensinados como: elencar critérios para a escolha de um livro, se identificar com um autor, relacionar a leitura com experiências de vida, compartilhar o que foi lido, entre outro. Sendo assim, cabe ao professor planejar diferentes situações que proporcione aos alunos o conhecimento e apropriação de tais comportamentos e procedimentos.

Assim, podemos citar como exemplos de boas situações de ensino-aprendizagem de tais comportamentos leitores:

- Roda de leitura: o docente realiza a leitura em voz alta de um livro literário, para isso é necessária a seleção do livro anteriormente, levando em consideração a faixa-etária das crianças ouvintes, além é claro das particularidades de cada turma ( se as crianças de 5 anos despertam interesse sobre lendas e mitos do folclore brasileiro, esta é uma boa oportunidade de ampliar o repertório destas crianças).
- Pasta de leitura: esta "*têm como objetivo criar situações contextualizadas de leitura na escola e na família*" (2012, p. 56). O docente seleciona semanalmente um texto que será organizado em pastas individuais para os alunos; socializa seus critérios de seleção ( uma quadrinha recente que aprendera, ou uma receita que realizaram, ou uma música que gostam, um autor que estão estudando, etc.); realiza uma leitura compartilhada junto com as crianças na sala de aula; em seguida esta pasta vai para casa com o intuito de que as crianças realizem esta leitura, que já é de seu conhecimento, juntamente com a família.
- Mar de histórias<sup>5</sup>: é uma atividade que "*tem como objetivo promover o contato com os livros de uma forma muito descontraída e agradável, gerando a socialização das leituras e observações de cada participante. A intenção é que esta socialização abra espaço para conversas sobre leitura(...)*" (2012, p.59). Como se desenvolve? Apresenta-se diversos

---

<sup>5</sup> "Em Que ouvir uma história? Lendas e mitos no mundo da criança, Heloisa Prieto, escritora, doutora em literatura francesa (USP), mestra em comunicação (PUC-SP), escreve: 'Mar de Histórias' é a expressão que se usava em sânscrito para se referir ao universo das narrativas'. Celinha Nascimento, educadora e mestra em literatura, apresenta o Mar de Histórias como '(...) uma atividade eficaz e querida de alunos e professores de todas as idades. Mar de Histórias é uma maneira de falar de literatura e de livros, de leitura, indicar títulos, autores e temas e ainda escolher livros que serão lidos pela turma ou socializados de alguma outra maneira". (Apud NASCIMENTO, 2007)

livros, de diferentes gêneros, às crianças. Cada uma é convidada à escolher um livro e quem quiser pode socializar o porque fez a escolha. Feita a escolha, os alunos levam o livro para casa para realizar a leitura. Em uma próxima situação, as crianças devolvem os livros e são novamente convidados, porém desta vez, a contar um pouco sobre a leitura e indicar tal livro lido à algum colega explicando o porquê da indicação, este por sua vez, pode ou não aceitar a indicação. Novamente são convidados a escolherem novos livros. O docente nesta situação tem o papel fundamental de guiar e auxiliar os alunos na hora de socializar o que foi lido, questionando as crianças quais partes gostou mais, quais os personagens lhes chamaram atenção, quem é o autor e a editora, que ilustração gostou mais, que sentimentos apareceram durante a leitura.

- Leitura compartilhada de livros em capítulos: É uma prática "*que possibilita aos alunos o acesso a textos bastantes longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-los, ainda que nem sempre sejam capazes de lê-los sozinhos.*"(1998, p. 64). O docente nesta atividade tem o papel de selecionar o livro de leitura e realizar a leitura em voz alta, fazendo pausas e questionamentos em momentos que julga adequado, em um livro de mistério, por exemplo, fazer a leitura do título do capítulo e levantar com os alunos hipóteses do que irá acontecer, ao final, validar ou não as antecipações feitas pelas crianças.

Estes são alguns exemplos de situações de leitura, nas quais os comportamentos leitores e os procedimentos de leitura são ensinados. Com o passar do tempo vivenciando esta prática, o docente consegue observar a apropriação dos alunos destes conteúdos a partir da autonomia e maturidade com que as crianças participam destas situações.

Um exemplo de atividade que abrange os conteúdos da leitura: procedimentos, propósitos e comportamentos leitores é o: Clube do livro.

Em uma escola de classe média alta de São Paulo, quando finalizavam uma atividade, alunos do 2º ano, iam aos poucos se reunindo no fundo da sala, conforme fossem terminando a atividade, e organizavam cadeiras e mesas em círculo. Cada criança que se aproximava escolhia um livro ou um gibi para ler neste momento de espera, assim se intitularam como "Clube do livro". A

professora, observando esta manifestação dos alunos decidiu incorporar este momento. Assim, em primeiro lugar questionou as crianças como tornar este momento mais prazeroso. Como resposta apareceram almofadas, colchonetes, mas também apareceu a ideia de mais livros para a sala. Com isso, a professora convidou aos alunos se organizarem para cada semana algumas crianças escolherem dois livros na biblioteca da escola, um para leitura em casa e outro para trazer para a sala de aula. Logo já era possível escutar comentários *"Prô, quero muito este livro, mas eu ainda não terminei o da minha casa, posso levar para deixar na sala"* ou *"Eu e a Clara queremos o mesmo livro, para não ter briga, podemos levar para a sala?"*. Assim, a sala de aula deixou de ser um ambiente apenas de realizar atividades, mas passou a ser um ambiente de leitura criado pelas crianças.

Ainda com objetivo de ampliar e aprofundar os comportamentos leitores, a professora teve a ideia de cada semana sortear um aluno e convidá-lo para trazer um livro de casa para deixar como sugestão para os colegas. Assim, às segundas-feiras a criança trazia o livro e contava para a classe o por quê tinha escolhido aquele livro para deixar na sala. Logo na primeira semana apareceu um livro da coleção "Diário de um banana" de Jeff Kinney e a criança contou que escolheu o livro porque gosta muito da coleção e aquele tinha sido o último que lera. Surgiram comentários como *"Oba, eu também leio esta coleção!"* ou *"Eu não conheço, mas parece ser bem engraçado!"* e logo foi o livro mais disputado na semana para a leitura no momento do Clube do Livro.

Em certo momento um aluno surgiu com a reflexão: *"eu não acho que livros muito grandes sejam bons para deixar no Clube do Livro, a gente tem pouco tempo para ler!"*, com isso, todos se engajaram na discussão *"Eu não acho que isso é um problema, porque se a pessoa gostou muito do livro, pode pedir para o pai ou para mãe comprar!"* e outra complementou *"É ou pode pedir emprestado o livro para o amigo!"*, *"Ou pode alugar na biblioteca para levar pra casa!"*. Observando ali uma oportunidade de trabalhar mais sobre critérios de seleção de livros, a professora criou então, um plano de aula:

**Proposta:** Leitura de resenhas na Revista Ciência Hoje das Crianças

**Objetivos:** Reconhecer a revista como um instrumento que auxilie na seleção de um livro;

Construir critérios de seleção de livros para fazer uma indicação literária

**Encaminhamentos:**

1. Apresentar a revista para as crianças e deixar a exploração
2. Questionar: Sobre o que é essa revista? Para quem essa revista? Como ela é dividida/  
que partes ela tem?
3. Contar que no dia iremos usar a parte de resenhas.
4. Questionar: o que é uma resenha?
5. Pedir para que alguns alunos leiam em voz alta para toda a classe.
6. Questionar: porque utilizamos uma resenha? O que ela tem que pode auxiliar a gente  
no Clube do livro?
7. Convidá-los à nos grupos lerem as resenhas.
8. Pedir para que escolham uma e escrevam o porquê fizeram a escolha (critérios de  
seleção).
9. Compartilhar com a classe o que escreveram e ler a resenha que escolheram.
10. Fazer a votação.

**Comentários sobre a realização da proposta:**

A ideia de utilizar as revistas surgiu porque estas são instrumentos sociais "cotidianos" que podemos utilizar para buscar uma indicação literária. Algumas revistas, como Ciência Hoje das Crianças de diferentes anos, mas todas contendo

indicações. Foram selecionadas 6 entre as que possuíam títulos que poderiam ser utilizados de acordo com a faixa etária e o tempo que tínhamos para trabalhar.

Na hora dos encaminhamentos, em primeiro lugar, as crianças não conheciam a revista, então houve um momento de exploração, deixando aflorar a curiosidade. Assim, cada um recebeu uma revista. Em pouco tempo já estavam todos animados trocando o que tinham visto e descoberto, sobre a novidade. Uns questionavam "*eu não entendi?*" ou "*o que é isso?*" e então eram convidados à lerem juntos à professora e descobrir sobre o que se tratava.

Passado um tempo de exploração, de 15 minutos, as crianças voltaram aos seus lugares e foram questionados sobre o que se tratava cada revista. Como resposta, apareceram que a *Ciência Hoje das Crianças* era uma revista de curiosidades científicas, mas para crianças. Então foram questionados como a revista estava dividida. As crianças comentaram sobre as matérias, o poster, a poesia, as piadas, a parte em que mostravam os animais. Mas nenhuma comentou sobre a parte das resenhas. Como este era o foco, a professora teve de questionar à classe qual parte poderiam utilizar no Clube do Livro guiando, assim, o olhar das crianças para a parte das resenhas. Todos voltaram a revista e logo surgiram as expressões: "*olha, tem essa parte aqui 'Bate-papo' que tem uns livros*". Todos descobriram em suas respectivas revistas. Em uma delas, o aluno percebeu que havia o nome de um livro que muitos da sala já conhecia - "*Monstromática*"<sup>6</sup>. Então a professora leu para eles a resenha do livro e questionou o porquê desta parte na revista. Uma das crianças respondeu: "*Eu já sei, se uma criança não tem irmão, pode usar a revista pra pedir uma dica de livro!*". Todos acharam essa uma boa ideia essa. Então uma nova etapa foi proposta.

As crianças se agruparam em quartetos e com apenas uma revista que já havia sido pré selecionada anteriormente. Então foram convidados a escolher apenas um dos livros para uma votação coletiva na sala, com o objetivo de se tornar uma leitura em voz alta, feita pela professora. Além de selecionar, tinham que registrar o porquê da escolha.

---

<sup>6</sup> SCIESZKA, J. *Monstromática*. São Paulo: Companhia das Letras, sd.

No momento seguinte, cada grupo socializou com a classe a escolha feita e o porquê da mesma. Como resultado, verificou-se que os critérios mais utilizados pelos grupos foram o da escolha pelo título e pela capa. A utilização das resenhas não foi tão aprofundada. Tais critérios de seleção foram validados como critérios legítimos, afinal, quem nunca escolheu um livro pela capa?

O título selecionado por cada grupo foi colocado no quadro negro. Em seguida foram distribuídos papéis para registro da escolha individual de cada aluno sobre o livro que queria escutar a história. Uma criança fez a apuração dos votos e o livro "Meu avô é um problema", de Babette Cole<sup>7</sup> foi o selecionado para a leitura em voz alta.

Na semana seguinte este livro ficou na estante, no espaço destinado à sugestão do Clube do Livro. As crianças ficaram entusiasmadas para realizar a leitura individualmente e socializar o que leram. Ao final da semana a professora realizou a leitura em voz alta e, para sua surpresa, muitos já haviam decorado a história e auxiliaram-na a contar para a classe. Logo ao término da leitura já surgiu o comentário "*quando vamos olhar as revistas de novo para escolher o próximo livro?*"

Por fim, e voltando ao tema central do capítulo, podemos concluir que, para garantir que desde muito pequenas as crianças possam ser reconhecidas e se reconhecerem como leitores é necessário que a escola e o docente reconheçam e valorizem sua potencialidade nesta formação. Isto significa, principalmente, adotar a leitura como conteúdo de ensino tendo como objetivo que as crianças aprendam o comportamento de leitor, bem como os procedimentos e propósitos de uma leitura. Mas, como já foi dito anteriormente expor as crianças à situações de leitura não basta. É imprescindível que os professores organizem boas situações didáticas e planejem intervenções que possam auxiliar o aluno a se tornar um leitor.

---

<sup>7</sup> Cole, B. *Meu avô é um problema*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1992. 32p.

## Considerações finais

*"As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura" (MEC, 1997, p. 36)*

Chegamos ao final deste estudo com os dois primeiros capítulos centralizados na definição dos conceitos: ler é o ato de construir significados e de dar sentido; o leitor proficiente é aquele que autonomamente consegue reconhecer o propósito de sua leitura e conseqüentemente seleciona o procedimento mais adequado para a realização deste ato, e também é aquele que possui comportamentos leitores de forma individual e social.

No último capítulo, deixamos claro que para se trabalhar com leitura é necessário reconhecer os conteúdos que este tema envolve que, nada mais são as próprias características dos leitores proficiente (procedimentos, propósitos e capacidades de leitura e os comportamentos leitores). Além disso, foram estudadas situações didáticas favoráveis que o docente pode vivenciar em sua sala de aula para que seus alunos se tornem leitores proficientes.

Mas afinal, basta a criança e o livro para que ela se torne um leitor proficiente?

Vimos que o contato com os mais diversos livros desde muito pequenos é essencial, é ganhando intimidade com eles que a criança os reconhece como prazerosos. Porém, apenas o contato não é o suficiente, é necessário o estímulo não apenas á leitura, mas também toda suas práticas sociais envolvida: o partilho do que foi lido e compreendido; as reflexões sobre o assunto; o diálogo sobre os critérios de seleção; a indicação literária etc.

Lembremos também que *"Fora da escola, não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma (...) raramente se lê em voz alta"* (MEC, 1997, p.57). Mas que é de extrema importância que a escola cumpra seu papel de ambiente leitor para todas as crianças, que a escola e o trabalho docente, dentro dela, tenha como um de seus principais objetivos tornar seus alunos leitores. Uma vez que *"O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena*

*participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento" (Id., p. 23) .*

Por fim, chegamos a conclusão de que o trabalho da leitura é de extrema importância e profundidade para que as crianças sejam introduzidas na cultura letrada, que consigam dialogar, buscar informações, construir visões de mundo e ter clara sua participação social.

## Referências

- AUGUSTO, RANA. S, D. *Língua Portuguesa: Soluções para dez desafios do professor: 1º ao 3º ano do ensino fundamental*. São Paulo: Ática Educadores, 2011. 94p.
- BRÄKLING, K. L. *Sobre leitura e formação de leitores: qual é a chave que se espera?*. São Paulo: EDUCAREDE; 2003.
- BRÄKLING K, L. *Referencial Curricular de Língua Portuguesa*. Versão Preliminar. Colégio Hebraico Brasileiro Renascença. São Paulo (SP); jun/08
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997. 144p.
- CASTRILLÓN. S. *O direito de ler e de escrever*. São Paulo: Pulo do Gato, 2011. 100p.
- CHILE, Ministerio da Educación. *Plan Nacional de Fomento a la Lectura: Actas del Seminario Internacional ¿Qué leer?¿Cómo leer? Perspectivas sobre la Lectura en la Infancia*. Santiago do Chile: Malva, 2013. 484p.
- COLOMER. T. *Andar entre livros - A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007. 207 p.
- FERREIRO, E. *Passado e presente dos verbos ler e escrever*. São Paulo: Cortez, 2002. 92p.
- FERREIRO, Emília. "Interpretação, Intérpretes e Interpretantes" Emília Ferreiro, In: *Sobre a necessária coordenação entre semelhanças e diferenças de Emília Ferreiro do livro Piaget-Vygotsky – novas contribuições para o debate*, São Paulo, Ed. Ática, s/d.
- FONSECA. E. *Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para prática do professor da educação infantil*. São Paulo: Blucher, 2012. 184p.
- FREIRE. P. *A importância do ato de ler - em três artigos que se completam*. 16ª

edição. São Paulo: Cortez, 1986. 96p.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo. Cultrix. 2006. p. 293

LERNER, D. *Ler e escrever na escola o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002. 120p.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405p.

#### Sites

BRÄKLING, K, *Sobre leitura e a formação de leitores:*

*Qual é a chave que se espera?*. Disponível em <[http://www.dejau.com.br/admin/arquivo/downs/040720121E-\\_Leitura\\_\\_Formacao\\_de\\_Leitores.pdf](http://www.dejau.com.br/admin/arquivo/downs/040720121E-_Leitura__Formacao_de_Leitores.pdf)> Acesso em 17/06/2014 às 12:13.

BRÄKLING, K. *Investigando o comportamento leitor*. Disponível em <<http://www.gentequeeduca.org.br/planos-de-aula/investigando-o-comportamento-leitor>> Acesso em 12/10/2014 às 14:32.

BOFF, L, *Ler significa reler e compreender, interpretar*. Disponível em <<http://clicpensado.blogspot.com.br/2014/02/ler-significa-releer-e-compreender.html>> Acesso em 17/06/2014 às 12:04.

MOÇO, A. *Entrevista com Myriam Nemirovsky*. Disponível em <<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox>> Acesso em 28/10/2014 às 10:00.

NOVA ESCOLA, *Conteúdos de leitura*. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/pdf/conteudos-leitura.pdf>> Acesso em 06/10/2014 às 9:17.